

# MONTEIRO LOBATO REVISITADO

Gilberto Freyre

A cem anos de distância do dia em que nasceu Monteiro Lobato, qual a avaliação predominante, entre brasileiros, de sua por vezes vulcânica presença na cultura e na vida nacionais?

Mais homem de letras que de ação ou o contrário? Mais crítico social — a maneira de um Mencken paulista — que escritor literário? Mais individualista que solidarista nas suas abordagens dos assuntos que mais o preocuparam? Ou à revelia de especializações de atitude ou de critério, terá sido, em síntese, um generalista como que tentacular nas suas curiosidades e anárquico nas suas inquietações e, para alguns, contradições, embora de ânimo sempre construtivo?

Que foi um grande inquieto, parece ponto tranqüilo. Que lhe faltou sistemática, quer ao pensar, quer ao agir, parece outra caracterização tranqüila de sua personalidade ao mesmo tempo que inquieta, inquietante. Até chegou a ser policiado.

Pois inquietante ele foi em torno de diferentes realidades nacionais da maneira por que se apresentaram no Brasil de sua época: saúde pública, literatura infantil, petróleo, educação, ferro, os Estados Unidos de um ponto de vista brasileiro, relação entre autor e público: comunicação, portanto. E essa inquietação, menos a de um simples agitador que a de um vigoroso intelectual animado pela

flama de uma muito sua criatividade: uma criatividade capaz de projetar-se em modelos concretos. Exemplo: um novo tipo, não só no Brasil como em qualquer parte do Ocidente, de literatura infantil. Uma das mais criativas das expressões do seu ânimo inovador.

E já do seu próprio modo de comunicar-se podia dizer-se o mesmo: ter sido criativo e original. Um modelo concreto no gênero. Uma nova maneira de um escritor literário em língua portuguesa — notada por Mestre Fernando de Azevedo na sua monumental introdução a uma síntese da cultura brasileira — afastar-se de convenções acadêmicas de estilo ou de frase, sem resvalar em modernismos também convencionais. Aqueles em que resvalaram os dois Andrades sem se aperceberem de por vezes se tornarem quase acacianos nos seus anti-acacianismos.

Dáí o inconfundível modo de Monteiro Lobato ser moderno, sem de maneira alguma ter se tornado modernista como que de opereta, no seu escrever. Nem no seu escrever nem no seu procedimento.

Em *Urupês* surge um escritor brasileiro de um novo tipo, quer pelas atitudes de crítico social, quer pela expressão, pela frase, pela forma, pela retórica: sua argumentação e sua persuasão através de palavras que sugerem gestos. Um ora artista ora técnico da comunicação.

E, é claro, como quase toda personalidade de tipo principalmente criativo — recorde-se a classificação do sociólogo Thomas — um grande contraditório. O Lobato inovador, revolucionário, criativo no escrever, foi, em artes plásticas, um acadêmico, um "pompier", um caturra, até, célebre por seu violento repúdio, não só ao modernismo ousado de Anita Malfatti como ao inacademicismo rústico das esculturas do Aleijadinho: um Aleijadinho que, para ele, não teria sido mais que um desprezível santeiro. E a propósito cabe acolher-se a informação de ter esse convencional e anti-inovador em crítica de pintura, antes de se afirmar escritor vigorosamente criativo, tentado a pintura e, nessa aventura, fracassado. Fracasso, entretanto, relativo. Pois não haverá no seu modo brasileiromente novo de escrever, antes um visual ou plástico do que um escritor eloquente, sonoro, musical?

Lembro-me de ter sido iniciado na leitura de *Urupês* por um sábio geólogo estadunidense que à sua ciência juntava saudável humanismo. Como humanista, voltado para a literatura em língua portuguesa, pela qual, nos seus contatos de cientista com o Brasil, tornou-se tão entusiasta quanto do café e da culinária. Tornou-se particularmente, esse grande geólogo, um leitor atento não só de clássicos como de novos, na língua do país cuja geologia estudou quase palmo a pal-

mo. Entre os, para ele, novos, deixou-se sensibilizar pelo autor cearense de *Terra de Sol*, Gustavo Barroso. E, ainda mais, pelo de *Urupês*, o paulista Monteiro Lobato. Refiro-me a John Casper Branner, que chegou a Presidente da Universidade de Stanford. Reitor de uma universidade da Califórnia que, de repente, tornou-se rival de Harvard e Colúmbia: excedendo-as em arrojados de iniciativa. Entre estes, a pesquisa sobre gênios, de Terman, e o ensino da Sociologia da Economia, por algum tempo confiada a Veber.

Foi quando me descobriu, eu estudante na menos esplendorosa, porém honesta e bem do Sul, ao mesmo tempo que do Oeste, Universidade de Baylor: ele Reitor Emérito de Stanford. Não cheguei a conhecê-lo pessoalmente. Mas durante mais de ano, houve uma correspondência entre nós: eu, ainda na adolescência, estudante em Baylor; ele provecíssimo, reverenciado como cientista e acatado como humanista, a tratar-me como se para ele eu fosse já alguém.

Um dia escreveu-me que estava com um texto em português, pronto, de uma sua *Geologia do Brasil*. Perguntava-me se podia rever esse texto. Disse-lhe que sim e entreguei-me, envaidecido, à tarefa. Minha revisão, porém, chegou tarde à Imprensa da Universidade.

Pela mesma época, tendo aparecido *Urupês*, Branner enviou-me, sem demora, o próprio exemplar especial, que recebera do Brasil. Devorei imediatamente o livro sensacional. Quase um novo *Os Sertões*. Era realmente a afirmação de um escritor como não parecia haver outro, tão inovador, na língua portuguesa e de crítica social de uma violência que me lembrou a do estadunidense Henry L. Mencken. Diferente. Pessoal. Insólito. Renovador. Inovador. E, muito à sua maneira, caricatural.

O cacogênico — cacogênico: neologismo lançado há anos, na língua portuguesa, por escritor brasileiro e do qual ainda não tomou conhecimento o excelente Mestre Aurélio — Jeca Tatu, de cócoras, amarelecido por mais de uma doença, sem ânimo nem para sentar em tronco de árvore, Lobato o opõe ao eugênico sertanejo, "antes de tudo um forte", de Euclides: um e outro, o idealizado e o caricaturado, figuras simbólicas não de um típico brasileiro geral mas, para seus autores, de extremos de brasileiro, um positivo, outro negativo. O positivo limitado por Euclides à área sertaneja tornada célebre pelo embate entre os soldados do Exército brasileiro e os devotos rústicos de Antônio Conselheiro reunidos em Canudos.

O contato graças ao sábio Branner, de minha adolescência, com o novo revolucionário das letras brasileiras, de certo modo oposto a Euclides, quer pelas atitudes nada bacharelescas, mas sob perspectivas novas, de crítico social, quer

pelos novos modos de expressão literária na língua portuguesa, foi decerto um dos acontecimentos maiores da minha vida de estudante universitário no estrangeiro: estudante que já sugeri ter sido um tanto semelhante a russos do fim do século XIX preocupados com a materna Rússia.

Estava eu, ainda, em boa e honesta Universidade estadunidense de província, que me vinha proporcionando o conhecimento do que, nos Estados Unidos de então, era gente provinciana, com um conservadorismo tanto de aspectos positivos como negativos. E não me faltava, na Universidade de Baylor, um mestre, misto de estadunidense anglossaxônico e cosmopolita, que à condição de, ele próprio, homem que, por suas origens de família, era do velho Sul, vencido na Guerra Civil pelo progressista Norte, juntava a essa sua autenticidade, a de um ainda jovem professor de Literatura Inglesa e de Literatura Comparada. E como tal, em constantes contatos diretos com a Europa, dado o seu já destaque internacional como notável intérprete da filosofia e da poesia do inglês, ainda naqueles dias, quase como nos dias de Eça de Queiroz, para muitos ingleses um poeta quase Deus, Robert Browning; e dentro dos Estados Unidos, esse Armstrong dinamicamente simpatizante da chamada "New Poetry" em língua inglesa, que então irrompia, triunfalmente, mais dos mesmos Estados Unidos do que da Inglaterra. Junto a essa "New Poetry" irrompera também, dos Estados Unidos, além de um novo romance social — o de Dreiser e Sinclair Lewis, um novo teatro — o de O'Neill. E através do ensaio, uma nova filosofia e uma nova crítica, tanto literária como social, com o seu misto de arte e de potência social, encarnada, de modo saliente — vulcânico até — pelo depois meu amigo Henry L. Mencken. Aquele que, conhecedor do texto da minha tese de mestre na Universidade de Colúmbia, me advertiria para não resvalar em ph. Deísmo, expandindo a tese, para ele, de tanto interesse, em livro: em livro acadêmico. Circunstâncias essas a me cercarem no estrangeiro nos dias em que John Casper Branner me pôs em contato com *Urupês*. E que me faziam perguntar: o que pode vir a ocorrer de semelhante no Brasil? O que recorde para sugerir desse meu primeiro contato com um surpreendente Lobato que coincidiu com um nada insignificante impacto, sobre minha adolescência, de uma revelação literária e de crítica social em língua inglesa cujas fontes eram para mim realidades vivas e imediatas que eu podia quase apalpar. E que tinha no citado Mencken uma de suas figuras mais expressivas. Não se aparentaria com ele Monteiro Lobato?

Esta coincidência permitiu-me colocar *Urupês* num contexto intelectual e socialmente revolucionário no mundo de língua inglesa que me pareceu antecipar um provável futuro começo de renovação de perspectivas culturais no Brasil. *Urupês* seria, talvez, para mim, naqueles dias, o início dessa provável renovação. Pelo que suponho ter encontrado, ainda adolescente, em Monteiro Lobato, um brasileiro, um paulista, um jovem escritor, com alguma coisa de Henry

L. Mencken no seu modo de afirmar-se pioneiramente renovador mais que literário: um escritor literário desdobrado em crítico social.

E pungentemente necessário a um Brasil, para meus olhos de então, mediocrementemente literário, embora não lhe faltassem um Machado e um Nabuco olímpicamente acadêmicos e um Euclides inacadêmico mas, ele próprio, prejudicado na sua criatividade de um novo tipo pelo excesso de uma muito sua retórica.

Na Universidade de Columbia, onde seguiria cursos de pós-graduação com mestres dos maiores da época, ficaria vizinho de Oliveira Lima, voluntariamente exilado em Washington. Note-se que o autor de *Dom João VI no Brasil* não só concordava comigo quanto a vários dos problemas brasileiros que me inquietavam como, em particular, quanto a importância de Monteiro Lobato como uma presença saudavelmente nova nas letras brasileiras. Foi quando Oliveira Lima informou-me que a *Revista do Brasil*, dirigida, em São Paulo, pelo autor de *Urupês*, estava transcrevendo artigos meus, dos da minha colaboração de ainda estudante para o *Diário de Pernambuco*. Senti, alvoroçado, que havia uma reciprocidade. Ao mesmo tempo em que, graças a John Casper Branner, eu tomara um aliciante contato com Monteiro Lobato, Monteiro Lobato me descobrira no provinciano *Diário de Pernambuco* e me considerara merecedor de ser irradiado pela então triunfal *Revista do Brasil*.

A essa constatação de uma reciprocidade de simpatias, sucedeu que, ainda eu estudante na Universidade de Baylor, recebera de Oliveira Lima um exemplar do seu recém aparecido *Na Argentina*, que eu comentara em artigo. E já na Universidade de Colúmbia, recebera de Oliveira Lima exemplar de outra sua ainda mais nova produção: uma pedagógica *História da Civilização*. Livro de dimensão e importância maiores que *Na Argentina*, um comentário a seu respeito pareceu-nos — a Oliveira Lima e a mim — caber antes a revista que a jornal. Oliveira Lima — aliás, sem conhecer o comentário, onde eu o acusava de subestimar o fator econômico na análise das civilizações — lembrou a *Revista do Brasil*. A remessa da colaboração seria — e foi — por intermédio do próprio Oliveira Lima. Monteiro Lobato, ao recebê-la, escreveu a Oliveira Lima carta entusiástica sobre o autor, perguntando-lhe quem era, afinal, esse desconhecido cujos artigos no *Diário de Pernambuco* ele vinha seguindo e fazendo transcrever na revista que dirigia. E de quem Oliveira Lima conseguira que se tornasse colaborador da *Revista do Brasil*.

A essa colaboração se seguiram outras. Uma, sobre o livro do crítico literário de Boston Isaac Goldberg sobre *Brazilian Literature*. Outra intitulada "Notas a lápis sobre um pintor independente", escrita não mais dos Estados Unidos

mas da Europa: artigos que espero encabeçarem o meu *Palavras Repatriadas* — livro que está sendo coordenado pelo *scholar* admirável Edson Nery da Fonseca. O pintor independente, Vicente do Rego Monteiro, cujo modernismo em pintura coincidia muito mais com o meu — em Artes, Letras, Ciências do Homem — que com o Modernismo paulista dos Andrades e do carioca Graça Aranha, a surgirem então, ruidosamente, no Rio e em São Paulo. Daí Vicente vir a recusar ostensivamente sua adesão à célebre Semana de Arte Moderna de São Paulo, que conseguiu anexar publicamente às suas hostes um Villa-Lobos mais afim de Vicente e dos regionalistas do Recife do que da aliás expressiva Semana. Recorde-se sempre que o nosso Modernismo brasileiro — meu e de Vicente e com o tempo o de Villa-Lobos — foi o da opção, no caso, muito significativa, de Blaise Cendrars, que decerto teria encontrado o que admirar na crítica social de Monteiro Lobato, como encontrou na historiografia de Paulo Prado: uma e outra senão repudiadas, consideradas arcaicas, por modernistas do Rio e de São Paulo.

A Monteiro Lobato, por sua vez, talvez tenha faltado abrangência de perspectiva cultural para assimilar dos Modernistas da célebre Semana o que foi a pintura modernista de uma Tarsila do Amaral, de raízes tão brasileiras quanto a música de Villa-Lobos em suas abordagens inovadoramente modernas, de temas tradicionais e regionais: afinidade com o Movimento do Recife.

Creio poder afirmar-se, de Cendrars como de Lobato, que foram particularmente simpáticos ao Movimento Regionalista, Tradicionalista e, a seu modo, Modernista, que começou a partir do Recife na década de 20 e do qual um e outro viriam a assinalar ter iniciado uma nova maneira de fazer-se História Social, com a gente anônima e até o escravo considerados personagens essenciais, ao lado de senhores e elites.

Quando, algum tempo depois, no Recife, jovem recifense — Diogo de Mello Menezes — concluiu — isto já no começo da década de 40 — um livro de comentário ao então mais nacionalmente conhecido líder desse Movimento partido do Recife, foi de Monteiro Lobato que lembrou-se para dele solicitar prefácio para esse livro: iniciativa editorial da então lúcida direção da Casa do Estudante do Brasil, do Rio de Janeiro, assessorada por Ana Amélia Carneiro de Mendonça.

Seria um prefácio, o escrito por Lobato, de extrema simpatia para com o por ele já conhecido colaborador de sua revista, e tornado autor do livro *Casa-Grande & Senzala*, em quem destacara, em termos enfáticos, já um, para ele, escritor jovem, com uma visão excepcionalmente nova de situações e de passados brasileiros.

Note-se que no testemunho mais que generoso que é esse prefácio, Monteiro Lobato recorda a carta que escrevera a Oliveira Lima, agradecendo ter-lhe apresentado o autor estudado por Diogo de Mello Menezes, quando, segundo ele, Lobato, ainda "menino" a terminar estudos na Universidade de Colúmbia. Assinala não ter errado, então, ao surpreender nesse, para ele, ainda menino de vinte anos, a capacidade de vir a tratar, além do passado social, do *ethos* do brasileiro, como estes não haviam sido ainda abordados, revelados e esclarecidos. O autor estudado por Diogo de Mello Menezes estava já, segundo Lobato, contando o que somos e porque somos assim e não de outro modo. Contando como escritor o que descobrira como analista.

Descontados excessos de generosidade, era um Lobato renovador de abordagens do comportamento brasileiro, através de crônicas e de contos, a desejo de um autor ainda jovem, dada sua presença de pouco mais que principiante nas letras do País, que se aprofundasse, com sua ciência e com sua percepção, em continuar a fazer o Brasil ver-se a si próprio na sua totalidade, desimpedido, de, sempre segundo Lobato, "tendenciosas deformações da realidade". Exatamente o que vinha sendo o empenho do próprio Lobato, não seria encontrar resistências a esse seu bravo esforço intelectualmente honesto.

No prefácio de Monteiro Lobato ao livro de Diogo de Mello Menezes intitulado *Gilberto Freyre* (Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1944), há todo um testemunho interessantíssimo do autor de *Urupês* sobre o que vinham sendo, para o brasileiro médio, as Ciências Sociais, e, em particular, a Sociologia. Era um brasileiro, segundo ele, esse médio, cheio de dúvidas — "sérias dúvidas", nas suas exatas palavras — com relação a quanto fosse ciência: a "isso de ciência". Para esse brasileiro médio o usual, em matéria de Sociologia" era acolher o que surgisse sob esse aspecto com "reservas" e com "a tangente de que isso de sociologia era coisa de Augusto Comte". Pois, acentuava Lobato do Brasil de então, que nele "ser culto era saber conversar literatura nas rodinhas. 'Oh, o Eça. . .' Como o cultivo das ciências exigia concentração, pulávamos por cima".

Monteiro Lobato refere-se ao papel a ser desempenhado no Brasil, pelos que chama, "os grandes Esclarecedores". Os capazes de revelar e esclarecerem realidades. Destaca um desses: o que dera ao Brasil, "o súbito relâmpago de *Os Sertões*". Novidade, lembra Lobato, "das grandes". "Arrojo de síntese". Estilo — o de Euclides para Lobato — "nervoso, aqui e ali cortado de curtos-circuitos chispantes". E depois de Euclides, Oliveira Viana. Outra novidade. Outra visão sociológica do Brasil. Um citando Gumpowicz. O outro, Lapouge e Le Play. Até surgir, em *Casa-Grande & Senzala*, um livro que, segundo Lobato, despertou a princípio não poucos "olhares desconfiados". Desconfiados, esses olhares, de que? Do que nele em vez de arrevesado, era "caseiro". Pois, pergunta Lobato,

“era lá possível que na tal sociologia coubessem vatapás baianos e mais coisas gostosas? E que fosse ciência verdadeira tanto negrinho insinuado nas casas-grandes, e tanta mucama a fazer cafunés nos príncipes herdeiros dos latifúndios?”.

Pelo que, segundo Lobato, “nos primeiros momentos, o Brasil ficou na dúvida ou ‘interdito’, como dizem os franceses, sem saber ao certo que gênero de literatura ou ciência era a tal *Casa-Grande & Senzala*. Os críticos juravam ser ciência, mas o tom era muito alegre, sadio e pitoresco para ser ciência”. “É que “um livro de ciência tinha de adormentar o leitor, já nos primeiros capítulos”. Enquanto o novo livro dado como ciência social aplicada ao esclarecimento dos *ethos* do brasileiro e da sua formação, era — observação de Lobato — “uma ciência viva” e “riquíssima de tons humanos”. Mais: “. . . era uma casa inteira, com sala de visitas, sala de jantar, quartos de dormir, banheiro, copa, cozinha e quintal”. E ele próprio perguntava: “Pois ciência então não era apenas sala de visitas?”. E acrescenta o prefaciador do livro de Diogo de Mello Menezes do escritor desconcertante de quem esse livro foi o primeiro perfil a ser impresso, ter esse escritor, e não apenas cientista social, ensinado ao país “a *Gaia Ciência* de Nietzsche. Ciência misturada com arte — com todas as artes, inclusive a culinária, tão vital nos destinos humanos, e a erótica, a mais cultivada de todas”. Ciência, segundo Lobato, aprendida por um brasileiro com os maiores mestres. Um deles, Boas.

E o próprio Lobato lembra nesse prefácio tão magnificamente seu o que ele escrevera ao futuro autor desse livro, — recebido, na verdade, com sussurros, dúvidas, malícias — isto é, quando esse futuro autor de livro tão falado, ainda não se definira de modo tão amplo, tão provocador, tão excitante, — palavras como que proféticas: teria, contra ele “a legião inteira dos medíocres”. Era Lobato nesse desabafo, a pensar um tanto no violento choque cultural — como hoje se diria, em linguagem sociológica — o que fora o embate da sua própria literatura inovadora ou da sua própria crítica social veemente, com as letras e as atitudes intelectuais mais fechadamente acadêmicas, convencionais, infecundas, do Brasil, no meio das quais surgiu o escandaloso *Urupês*.

Registre-se a esta altura o paradoxo de ter sido um acadêmico egrégio, um clássico quase religiosamente cioso de sua condição de clássico, um purista intransigente na defesa da língua ainda só lusitanamente portuguesa — Ruy Barbosa — a grande voz que alertou o Brasil para a revelação de amargas e desconcertantes realidades brasileiras: *Urupês*.

E a esse registro, junte-se a observação de, em 1944, — ao prefaciá-lo Lobato livro de jovem impressionado por autor de outra revelação desconcertante, surpreendente, até inovadora no Brasil — ter sido esse Lobato um equivalente do



que fora para com o vulcânico *Urupês* o prestigiosíssimo Ruy Barbosa. Ele, Lobato, junto com João Ribeiro, com Roquette-Pinto e com Yan de Almeida Prado.

Ao apontar para *Urupês* como livro vigorosamente revelador de um Brasil quase desconhecido, na sua realidade social mais crua, Ruy Barbosa juntara-se, em 1919, aos muitos brasileiros desconhecedores desse Brasil ignorado. E confessava-se esclarecido por Monteiro Lobato sobre uma angustiosa realidade nacional que ele, Ruy, envelhecera, no alto do seu apolífneo gabinete de político, de parlamentar, de tribuno, de constitucionalista, de jurisperito, de purista, de sabedor da língua e dos clássicos, desconhecendo-a, tanto quanto, meio século antes dele, Positivistas do Rio de Janeiro e de São Paulo haviam amadurecido nos seus saberes matemáticos, lógicos, abstratamente sociológicos, de discípulos brasileiros de Comte, ignorando haver na Bahia sertanejos do tipo dos de Canudos. Dos revelados pelo grande autor de *Os Sertões*.

O que nos leva a outra página do prefácio lúcido e pungente de Monteiro Lobato ao livro de um então jovem — Diogo de Mello Menezes — do Recife: a página em que Lobato clama por uma História total e profunda do Brasil como o Brasil realmente vinha sendo e não, segundo ele, “as de outros Lacerdas e as de outros Pombos”, não as, para ele, de “datas ultra-insignificantes”, não as, ainda segundo ele, sobre “guerras de Mascates e guerras de Emboabas”, com tudo reduzido” — dizia ele — “aos passes da Administração e da Política”: aquela *congrégie* de fatos” — palavras exatamente suas — “sem alcance social e sem travamento no universal”. E sim a história da formação brasileira voltada para “a vida como a vida foi e para gentes como as gentes eram”. O que — ele talvez acrescentasse hoje — teria que implicar em reconstituições, interpretações, sínteses, ligações de passados com presentes e com futuros, sem desonestas deformações ideológicas. As politicóides. As economicóides.

Ao livro do autor então — 1948 — ainda jovem, exaltado por Lobato, — *Casa-Grande & Senzala* — quando havia ainda tanto quem se insurgisse contra tal livro e contra o seu autor — não faltara, ao aparecer — recorde-se mais uma vez — o aplauso de mestres dentre os maiores do Brasil de então e de sempre: um João Ribeiro, um Roquette-Pinto, um Yan de Almeida Prado, um Manuel Bandeira, um Prudente de Moraes, neto, um Rodrigo Mello Franco de Andrade, Mas ao lado deles, — elite — também o apoio público espontâneo que, do Rio ao Amazonas, ao Rio Grande do Sul, a Minas Gerais, a Mato Grosso, como que sentiu-se haver ao livro insurgente. Um público que adotou esse livro se ele fosse resposta a um seu apelo ou a uma sua exigência. Mas sem que deixassem de continuar a se fazer ouvir, senão vozes, sussurros furiosamente hostis. Repetição, portanto, do que ocorrera com *Urupês*: a caricatura de Jeca-Tatu foi acusada de crime de

antibrasileiro como, pela defesa do sertanejo de Canudos como um insurreto válido, o próprio Euclides. Assunto agora reconsiderado, em notáveis páginas de análise e de reinterpretação, por um *scholar* inglês formado em Cambridge, Bacon, cujos originais venho lendo com o maior encanto.

A palavra de Monteiro Lobato, dez anos depois do aparecimento de outro, sob alguns aspectos, *Urupês* ou outro *Os Sertões* — um livro, para alguns, antibrasileiro, antireligioso, antipatriótico, imoral, pornográfico, chulo — foi de mais decisivo apoio a esse talvez mais que livro que, não sendo convencional, não era, na sua maneira de ser inovador, de modo algum, marxista ou marcado por qualquer admiração ideológica pela União Soviética: marxismo e admiração em que é evidente ter resvalado, a certa altura, o, em idéias, por vezes contraditório, Lobato, da mesma maneira que, dizendo-se “ateu” ou materialista, resvalaria, noutra altura, em adesão a um para ele, “espiritismo científico”. Isto é, adesão a uma “ciência” que supôs capaz de levá-lo à crença no sobrenatural.

Como sugere, talvez com algum exagero, o devotado estudioso das letras e das ações, de Lobato, o também escritor e também paulista Cassiano Nunes, em recente discurso de posse na Academia Paulista de Letras — Nunes, concordando com o também paulista e contemporâneo de Lobato Nelson Palma Travassos — “tudo que o autor de *Urupês* fez na vida foi literatura, só literatura. Campanhas médicas, babaçu, ferro, petróleo, não passam de projeções, sonho literário de Lobato”. Um sonho literário, entretanto, a que parece não ter faltado, por vezes, senão ciência, visão sociológica, por um lado, e intuição crítica — crítica social — por outro lado.

João Ribeiro, Roquette-Pinto, Yan de Almeida Prado, Bandeira, Prudente, Rodrigo Mello Franco de Andrade, cada um deles e todos em conjunto, já haviam dito do livro insurgente que foi, ao aparecer, *Casa-Grande & Senzala* que, em vez de antibrasileiro, era brasileiríssimo; em vez de imoral, ético; em vez de chulo, na linguagem, realizava em setor além de literário, científico, aproximação do português escrito com o falado teluricamente pelo Brasil.

Pelo que, o autor de *Urupês*, ao solidarizar-se com tais pronunciamentos, revelou-se, além de escritor por vezes, quase solitário, pela coragem de ser, quando necessário, só, escritor, quando também, a seu juízo, necessário, solidário. Solidário com escritores mais jovens, quando esses mais jovens, alvo dos hoje chamados patrulheirismos, fossem quais fossem as origens, as cores, as raízes desses patrulheirismos e fossem quais fossem suas táticas: desde as calúnias às deformações de idéias, às malfcias, aos silêncios. Silêncios em jornais, em semanários, em televisões, em rádios. As tentativas de se matar um escritor, um pensador, um artista pelo silêncio em torno desse escritor: de suas idéias e de suas criações. Um

silêncio que ainda hoje há quem deseje copor à irradiação de um Lobato evidentemente imortal enquanto existir a língua portuguesa.

Essa sua sobrevivência magnífica independente de seus, por vezes, cientificismos. No critério de análise científica de assuntos sociais brasileiros e de outros assuntos — pode-se admitir que tenha dado, por vezes, colorido extraliterário — e este, quase sempre fugaz — às suas expressões de escritor literário. Mas o que lhe deu o máximo de criatividade foi o seu vigor literário de percepção e de expressão. Aquele vigor literário que resiste, nele, ao próprio antiliteratismo do seu cientificismo: um cientificismo por vezes desvariado e que o levou a ateísmos vulgares, a soviétismos simplistas, a anti-cristianismos de quem, no íntimo, tendia inconfundivelmente a ser franciscano com relação tanto ao próximo como em relação à natureza: à defesa das árvores, por exemplo. Ao carinho pela criança. À proteção dos jecas-tatus tanto de doenças, como de abandonos da parte de coronéis e de governos. À própria opção pelo uso de uma língua portuguesa, como disse a seu respeito Tristão de Athayde do ponto de vista de uma crítica mais que literária: uma língua portuguesa abasileirada e não acaipirada. Mas sem esmeros de correção acadêmica que a distanciasse da gente do povo. Pode-se dizer que, nesse particular, Lobato foi, em São Paulo, uma espécie de nordestino empenhado teluricamente e, pelo sofrimento do brasileiro pobre ou desvalido, em franciscanizar a língua portuguesa, abasileirando-a em língua de brasileiro mais do Nordeste que dos Brasis ricos.

Outro crítico mais que literário da época de Lobato, Agrippino Grieco, surpreendeu nele "erros sociológicos" a lhe serem perdoados: o próprio tipo de Jeca Tatu teria sido um nada sociológico exagero caricaturesco. Mas, a seu lado, havia em *Urupês* — e há, com efeito — além de veracidade, "seiva de ternura regional". E cita o Boca Torta como "digno de um Maupassant". Um Maupassant voltado para flagrantes brasileiríssimos.

Será que não é sociológico um expressionismo que tenha de criar tipos sociologicamente ou weberianamente ideais? De qualquer maneira, Lobato não pretendeu, em *Urupês*, surgir como sociólogo. E sim como escritor. O que não impediu de haver coincidências entre esse escritor e sociólogos do tipo mais aberto que os tecnocráticos.

O que torna oportuno notar-se de Lobato, haver, um tanto contra ele próprio, considerado o Aleijadinho "santeiro vulgar". Contra ele próprio, porque há parentesco — no modo de serem expressionistas — entre os dois Sérgio Milliet notou essa incoerência em Lobato: repudiar o Aleijadinho por academicamente incorreto e elogiar em artistas mediocrementemente acadêmicos "figuras bem desenhadas".

Incoerências em Lobato. Não é a única, decerto. O que é preciso é aceitar-se nele, como sugere o mesmo Milliet, um "sentimental apaixonado".

E será, como sugere ainda Milliet, ter sido o Jeca Tatu "quase uma vingança do fazendeiro malogrado" que teria havido em Lobato? O que levou Milliet a prever, há trinta anos, uma necessária revisão de juízos acerca do autor de *Urupês*, da qual, entretanto, ele emergiria, com todos os descontos, "figura definitiva em nossa literatura".

Se é verdade, como sugere de Lobato outro crítico literário perspicaz, Josué Montello, ter pintado o Jeca "menos pelo gosto de compor com seus traços uma página literária do que pelo propósito de denunciá-lo à nação", é difícil separar num escritor do tipo por vezes freneticamente solidário, no transbordamento social o estritamente literário. É possível que Lobato, a despeito do seu cientificismo, tenha resvalado em erros científicos tanto quanto Euclides da Cunha em *Os Sertões*. Mas quase sempre redimido pelos acertos de sua palavra militantemente social, e esta palavra, uma das mais incisivamente brasileiras que já houve.

Mais incisivamente brasileira que a de Euclides. Mais contagiantemente brasileira que a de Nabuco. E mais cotidianamente brasileira, pelo seu não literatês, que a do grande Guimarães Rosa. E também como que franciscanamente solidária com a gente brasileira por sua defesa, de um petróleo e de um ferro a serviço não de magnatas, mas dessa sua gente no seu todo. O que torna difícil deixar-se de ver nele alguma coisa daqueles escritores russos do século XIX com os quais ele parece ter-se um tanto identificado, como o sentimental impulsivo que era nas suas preocupações sociais. Nessas preocupações, diferente dos soviéticos hoje na projeção dos sonhos literários dos russos de ontem e dos próprios soviéticos dos primeiros anos de soviétismo, porventura atraentes para Lobato.

Recentemente (janeiro/82) apareceu na revista *Porque, Interpretação do que acontece*, de São Paulo, longo trabalho assinado por Padre Sales Brasil intitulado "Corrupção de Menores", em que à literatura infantil de Monteiro Lobato é atribuído um sistemático empenho — marxista ou Comunista — de afastar a criança, ou o menor, do Catolicismo ou do Cristianismo e aproximá-lo apologeticamente da União Soviética. Mas sem que se deixe de observar de Monteiro Lobato seu repúdio a pertencer passivamente a qualquer sistema. Citam-se, é verdade, dele, algumas explosões de "ateísmo", de "materialismo" e, ao mesmo tempo, de contraditório espiritismo científico. Explosões que deixam ver no autor de *Urupês* esta condição de intelectual deficiente: não ser *scholar*. A de, mostrar-se, por vezes, negação do *scholar*. A de ter pertencido ao número de escritores de algumas erudições aos quais falta a inconfundível qualidade do *scholar*.

Não houve, nele, intuição bastante para salvá-lo de todo da incapacidade de autocrítica quanto à qualidade de conhecimentos acumulados por suas leituras.

Mas espantam, no escritor sempre senhor admirável da arte de comunicação e de expressão, os conhecimentos que lhe permitiram dar à sua literatura infantil tanta assimilação de ciência saudável, no meio de erudição precária e de filosofia, não raro de todo simplista. Compreende-se que um Católico ou um Cristão ortodoxo lamente, na sua pedagogia, a ausência de orientação Católica ou Cristã que entretanto, atualmente talvez, o situasse entre clérigos, dos que se apresentam Católicos e Cristãos, sem nem crerem em Deus nem admitirem a divindade de Cristo. Mas considerando-se e dizendo-se "Católicos" ou Cristãos"

O que não aconteceu com Monteiro Lobato. Nunca se apresentou como Católico. Chegou entretanto, a dizer-se, "espírita científico": admitindo, de certo modo, um sobrenatural acatólico.

Pena, do ponto de vista Católico, que o Catolicismo não tenha produzido no Brasil, um exato equivalente de Lobato, capaz de enriquecer a literatura infantil em língua portuguesa com histórias para crianças do encanto, da arte, da sedução, das escritas admiravelmente pelo criador de um Sacy brasileiríssimo na sua forma literária. Mas não deixa de haver hoje, neste particular, um magnífico equivalente de Lobato: Luis Jardim como biógrafo de Jesus e de São Francisco de Assis meninos. Duas obras-primas no gênero escritas com palavras que vêm atraindo as crianças brasileiras.

